

# GEORGE ORWELL

## ENSAIOS ESCOLHIDOS



RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
*[www.relogiodagua.pt](http://www.relogiodagua.pt)*

© The Estate of George Orwell

Título: Ensaios Escolhidos  
Autor: George Orwell  
Tradução: José Miguel Silva  
Revisão de texto: Fernanda Mira Barros  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))  
sobre fotografia do autor

© Relógio D'Água Editores, abril de 2016

A seleção de ensaios é da responsabilidade do editor.

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
**[www.relogiodagua.pt](http://www.relogiodagua.pt)**

ISBN 978-989-641-603-4

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º: 408956/16

George Orwell

# Ensaaios Escolhidos

Tradução de  
José Miguel Silva

Antropos

## Matar Um Elefante

Em Moulmein, na Baixa Birmânia, fui odiado por muita gente — a única vez na vida em que fui suficientemente importante para tal. Era o oficial da polícia na subdivisão da cidade, onde o sentimento antieuropeu, ainda que de um modo mesquinho e difuso, era bastante forte. Ninguém tinha coragem para organizar um motim, mas se uma mulher europeia andasse sozinha pelos bazares era provável que alguém lhe cuspsse para cima suco de bétele. Enquanto oficial da polícia, eu era um alvo óbvio e era apoquentado sempre que o infrator sentia poder fazê-lo sem riscos. Quando um ágil birmanês me rasteirava no campo de futebol e o árbitro (também birmanês) fazia vista grossa, a assistência exultava em medonhas gargalhadas. Aconteceu mais do que uma vez. Para o final, o sorriso escarminho dos jovens poltrões que se cruzavam comigo, os apupos que me gritavam quando se viam a uma distância segura, afetaram-me seriamente os nervos. Os jovens sacerdotes budistas eram os piores de todos. Havia-os aos milhares na cidade e nenhum deles parecia ter mais nada para fazer do que parar pelas esquinas e troçar dos europeus.

Tudo isto era para mim fonte de perplexidade e perturbação, pois nessa altura eu já chegara à conclusão de que o imperialismo é uma coisa má, e que quanto mais depressa me livrasse daquele emprego e saísse dali, melhor. Teoricamente — e em segredo, claro — eu era completamente a favor dos birmaneses e contra os britânicos, seus opressores. Quanto ao meu trabalho, odiava-o mais amargamente do que seria talvez capaz de explicar. Num emprego como aquele observamos de perto o trabalho sujo do império. Os infelizes pre-

sidiários amontoados em jaulas fedorentas, os rostos pardacentos, amedrontados, dos condenados a longas penas, os traseiros cicatrizados dos que haviam sido sentenciados a vergastadas com canas de bambu — tudo isso me oprimia com um insuportável sentimento de culpa. Mas eu não conseguia pôr nada em perspectiva. Era jovem, tivera uma educação deficiente, e tinha de considerar os meus problemas no absoluto silêncio que é imposto aos ingleses no Oriente. Nem sequer sabia que o império inglês está a morrer, e muito menos sabia que é bastante melhor do que os impérios que o vão suplantar. Tudo o que sabia era que estava entalado entre o ódio ao império ao serviço do qual trabalhava e a fúria contra os perversos brutinhos que tudo faziam para tornar impossível o meu trabalho. Por um lado, via o Raj britânico como uma tirania inamovível, como algo que se impunha, *per saecula saeculorum*, à vontade de povos prostrados; por outro lado, pensava que um dos maiores prazeres da vida seria espetar uma baioneta no bucho dum sacerdote budista. Sentimentos como estes eram o normal subproduto do imperialismo; senão, pergunte-se a qualquer oficial anglo-indiano, num momento em que não esteja de serviço.

Um dia aconteceu algo que, embora de forma indireta, constituiu para mim uma revelação. Em si, o incidente teve escassa importância, mas ajudou-me a compreender melhor a natureza do imperialismo — os verdadeiros motivos que determinam as ações dos governos despóticos. De manhã cedo, o subinspetor de um posto de polícia do outro lado da cidade telefonou-me e disse que um elefante andava a destruir o bazar. Importava-me de ir até lá para tentar resolver o problema? Eu não sabia o que poderia fazer mas como queria ver o que se passava subi para um pónei e dirige-me para o local. Levei a minha espingarda, uma velha Winchester 44, demasiado fraca para matar um elefante mas pensei que o ruído podia ser útil *in terrorem*. Durante o trajeto, vários birmaneses pararam-me para me contar o que o elefante andava a fazer. Não se tratava, é claro, de um elefante selvagem mas de um elefante domesticado que entrara no frenesim a que chamam *must*. Fora acorrentado, como sempre se faz aos elefantes nessas circunstâncias, mas na noite anterior quebrara as correntes e fugira. O seu cornaca, a única pessoa capaz de o controlar quando se enfurecia, partira no seu encalço mas tomara a

direção errada e encontrava-se agora a doze horas de distância, e de manhã o animal reaparecera de súbito na cidade. Como a população birmanesa não possuía armas de fogo, não tinha como se defender. O paquiderme já arrasara uma choupana de bambu, matara uma vaca e derrubara algumas bancas de fruta, devorando a mercadoria; além disso, cruzara-se com a carrinha municipal de recolha do lixo e, depois de o motorista se ter posto em fuga, virara-a e começara a destruí-la.

O subinspetor birmanês e alguns polícias indianos estavam à minha espera no bairro onde o elefante fora visto. Era um bairro muito pobre, um labirinto de sórdidas choupanas de bambu, com telhados de folha de palma, serpenteando por toda uma encosta abrupta. Lembro-me que estava uma manhã enevoada e sufocante, antes do começo da estação das chuvas. Começámos a interrogar as pessoas sobre o paradeiro do elefante e, como habitualmente, não conseguimos obter qualquer informação precisa. É isto o que sucede, invariavelmente, no Oriente: à distância, uma história parece suficientemente clara, mas quanto mais nos aproximamos do local dos acontecimentos, mais vaga ela se torna. Uns disseram que o elefante tinha ido nesta direção, outros que tinha ido naquela, e havia mesmo quem alegasse não ter ouvido falar de elefante nenhum. Estava eu quase convencido de que toda aquela história não passava dum chorriho de mentiras quando ouvi gritos nas imediações. Alguém gritava de forma plangente “Saíam daqui, crianças! Saíam daqui imediatamente!”, e uma velhota com uma chibata na mão dobrou a esquina duma choupana e enxotou um grupo de crianças despidas. Outras mulheres apareceram atrás, fazendo estalar a língua, num grande clamor; era evidente que havia ali algo que as crianças não deviam ver. Contornei a choupana e vi o cadáver de um homem esparramado na lama. Era um jornalista indiano, um dravidiano de pele escura, quase nu, e não podia estar morto há mais do que alguns minutos. As pessoas disseram que o elefante investira sobre ele de repente, ao virar duma esquina, agarrara-o com a tromba, pusera-lhe uma pata sobre as costas e esmagara-o contra o solo. Estávamos na estação das chuvas, a terra estava fofa, e a cara do homem abrira no solo um sulco com um palmo de profundidade e dois metros de comprimento. O homem estava de barriga para baixo, com os braços em cruz e a

cabeça torcida para um dos lados. Tinha a cara coberta de lama, os olhos abertos, os dentes à mostra e um esgar de insuportável sofrimento. (Já agora, não me venham falar de mortos que parecem estar em paz. A maioria dos que vi tinham uma expressão demoníaca.) A fricção da pata do elefante arrancara-lhe toda a pele das costas, como se esfola um coelho. Assim que vi o morto, mandei uma ordenança a casa de um amigo meu, que morava nas imediações, para lhe pedir emprestada uma espingarda de caçar elefantes. Já tinha mandado para trás o pônei, pois não queria que ele ficasse louco de terror e me atirasse ao chão ao sentir o cheiro do elefante.

A ordenança regressou poucos minutos depois com uma espingarda e cinco cartuchos, e entretanto alguns birmaneses tinham-nos vindo dizer que o elefante se encontrava nos arrozais, a escassas centenas de metros. Quando avancei, praticamente toda a população do bairro saiu das suas casas e veio atrás de mim. Tinham visto a espingarda e comentavam animadamente que eu ia matar o elefante. Não haviam mostrado grande interesse pelo elefante quando ele se limitara a destruir-lhes as casas, mas agora, que ia ser alvejado, era diferente. Era uma espécie de entretenimento para eles, tal como o seria para uma multidão inglesa; além disso, estavam interessados na carne do animal. Senti-me algo inquieto. Eu não tinha intenção de disparar contra o elefante — só mandara buscar a espingarda para me defender, caso fosse necessário — e é sempre enervante ter uma multidão atrás de nós. Comecei a descer a colina, com um aspecto ridículo e perfeita consciência disso, de espingarda ao ombro e com um exército cada vez maior de pessoas acotovelando-se atrás de mim. Ao fundo, depois de nos afastarmos das choupanas, havia uma estrada de cascalho, diante da qual se estendia a planura lamacentosa de um campo com um quilómetro de largura, ainda por lavar mas empapado pelas primeiras chuvas e salpicado de ervas agrestes. O elefante estava a uns oito metros da estrada, com o flanco esquerdo virado para nós. Não deu a menor importância à chegada da multidão. Estava a arrancar feixes de ervas, batendo-os contra os joelhos para os limpar antes de os atirar para dentro da boca.

Eu tinha parado na estrada. Assim que vi o elefante, soube com toda a certeza que não devia alvejá-lo. Matar um elefante de trabalho é um assunto sério — comparável a destruir uma enorme e dispen-

diosa máquina industrial — e obviamente só o devemos fazer se não houver alternativa. E à distância, pastando tranquilamente, o bicho não parecia mais perigoso do que uma vaca. Pensei então, e continuo a pensar, que o seu ataque de fúria já estava a passar; e, nesse caso, ele limitar-se-ia a vaguear, inofensivo, até que o cornaca regressasse e o apanhasse. Além disso, não me apetecia nada disparar contra ele. Decidi que o ficaria a vigiar durante algum tempo, para ter a certeza de que não voltava a tornar-se agressivo, e depois voltaria para casa.

Mas nesse momento olhei em volta a multidão que me seguira. Era uma mole imensa, duas mil pessoas no mínimo, que aumentava a todo o instante e bloqueava a estrada ao longo de um vasto trecho, dum e doutro lado. Olhei para aquele mar de rostos pardos sobre roupas de cores berrantes — todos muito alegres e empolgados com aquele divertimento, todos confiantes em que o elefante ia ser morto. Olhavam para mim como para um prestidigitador que se prepara para fazer um truque. Não gostavam de mim, mas com a mágica espingarda nas mãos, eu tornara-me por momentos digno de atenção. E de repente percebi que, no fim de contas, tinha mesmo de matar o elefante. As pessoas esperavam isso de mim e eu tinha de o fazer; senti a força de duas mil vontades a pressionarem-me de forma irresistível. E foi nesse momento, quando estava ali de espingarda na mão, que compreendi pela primeira vez a vacuidade, a absurdidade do domínio do homem branco no Oriente. Ali estava eu, o homem branco com a sua arma, diante da multidão de nativos desarmados — aparentemente o ator principal da peça; mas na realidade não passando de uma absurda marioneta, manipulado pela vontade daqueles rostos pardos atrás de mim. Percebi nesse momento que quando o homem branco se converte num tirano, aquilo que ele destrói é a sua própria liberdade. Transforma-se numa espécie de boneco oco, mera pose, a figura convencional do saíbe. Porque a condição do seu domínio é que passe a vida a tentar impressionar os “nativos”, e daí que nos momentos de crise tenha de fazer aquilo que estes esperam dele. Usa uma máscara, à qual o seu rosto acaba por se moldar. Eu tinha de matar o elefante. Comprometera-me a fazê-lo a partir do instante em que mandara buscar a espingarda. Um saíbe tem de agir como um saíbe; tem de parecer resoluto, de saber o que quer e agir de forma categórica. Ter feito todo aquele caminho, de espingarda na mão,

com duas mil pessoas a reboque, e depois recuar debilmente, sem fazer nada — não, isso era impossível. A multidão rir-se-ia de mim. E toda a minha vida, como a de qualquer homem branco no Oriente, era uma longa luta para impedir que se rissem de mim.

Mas não queria matar o elefante. Vi-o a sacudir o seu feixe de ervas contra os joelhos, com aquele ar de avó preocupada que os elefantes têm. Pareceu-me que seria um crime matá-lo. Nesse tempo eu não tinha escrúpulos em matar animais, mas nunca matara um elefante nem tivera vontade de o fazer. (Não sei porquê, parece sempre mais grave matar um animal *grande*.) Além disso, havia que ter em consideração o dono do animal. Vivo, o elefante valia pelo menos cem libras; morto, teria o valor dos seus dentes — cinco libras, provavelmente. Mas eu tinha de agir rapidamente. Virei-me para alguns birmaneses de ar experiente, que estavam no local quando lá chegámos, e perguntei-lhes como se comportara até então o elefante. Todos eles me responderam o mesmo: ignorava-nos se o deixássemos em paz, mas poderia carregar se nos aproximássemos demasiado.

Era perfeitamente claro para mim o que devia fazer. Devia aproximar-me até ficar a uns vinte e cinco metros de distância, e pôr à prova o seu comportamento. Se ele carregasse sobre mim, eu podia disparar; se me ignorasse, seria seguro deixá-lo em paz até que o cornaca regressasse. Mas também sabia que não iria fazer tal coisa. Não era grande atirador com espingarda, e a terra estava mole, enlameada, pelo que os meus pés se afundariam nela a cada passo. Se o elefante arremettesse e eu falhasse o tiro, teria tantas hipóteses de sobreviver como um sapo debaixo de um rolo compressor. Mesmo então, porém, eu não estava a pensar propriamente na minha pele, mas nos vigilantes rostos pardos atrás de mim. Isto porque, nesse momento, com a multidão a observar-me, eu não tinha medo no sentido habitual do termo, ao contrário do que aconteceria se estivesse sozinho. Um homem branco não pode ter medo diante dos “nativos” e por isso, regra geral, não tem. A única coisa em que eu pensava era que se algo corresse mal, aqueles dois mil birmaneses ver-me-iam a ser perseguido, apanhado, pisoteado e reduzido a um cadáver de esgar sofredor, como o indiano na colina. E se tal acontecesse, era muito provável que alguns deles se rissem. E isso é que não podia ser. Só havia uma alternativa. Introduzi os cartuchos na espingarda e deitei-me na estrada para apontar melhor.

A multidão ficou imóvel, e um suspiro fundo, baixo, feliz, como o de pessoas num teatro quando veem a cortina finalmente subir, brotou de inumeráveis bocas. Afinal, sempre iam ter o seu momento de diversão. A espingarda era uma bela arma de fabrico alemão, com mira telescópica. Na altura eu não sabia que para matar um elefante devemos traçar uma linha imaginária que atravessasse a cabeça entre um ouvido e o outro. Como o elefante estava de lado, eu devia ter apontado diretamente para o seu ouvido; na realidade, fiz pontaria para alguns centímetros à frente, convencido que o cérebro estaria mais adiante.

Quando puxei o gatilho, não ouvi o estouro nem senti o ricochete da arma — nunca se ouve quando se acerta no alvo — mas ouvi o diabólico clamor de regozijo que se elevava da multidão. Nesse instante, um lapso de tempo, pensaríamos, demasiado breve até para que a bala tivesse chegado ao alvo, dera-se no elefante uma terrível e misteriosa transformação. Não estremeceu nem caiu, mas todas as linhas do seu corpo se haviam alterado. Pareceu de súbito desarmado, encolhido, imensamente velho, como se o impacto da bala o tivesse paralisado sem o derrubar. Por fim, após um lapso de tempo que pareceu enorme — podem ter sido cinco segundo, diria — caiu molemente sobre os joelhos. Baba começou a pender-lhe da boca. Uma enorme senilidade parecia ter tombado sobre ele. Podíamos imaginar que tinha mil anos. Voltei a disparar sobre o mesmo ponto. Ao segundo tiro, em vez de tombar, ele reergueu-se de novo sobre as patas, com desesperada lentidão e ficou de pé, enfraquecido, com as pernas trémulas e a cabeça pendente. Disparei pela terceira vez. Este foi o tiro que o arrumou. Pôde ver-se claramente a agonia a sacudir-lhe todo o corpo e a retirar-lhe das patas o que ainda lhes restava de força. Mas durante a queda, pareceu ainda reerguer-se por um instante, pois enquanto as patas traseiras se abatiam sob o seu peso ele pareceu elevar-se como uma pedra imensa ao tombar, a tromba erguida para o céu como uma árvore. Emitiu um bramido, pela primeira e única vez. Depois desabou, a barriga virada para mim, com uma violência que pareceu estremecer o solo até no ponto em que me encontrava.

Levantei-me. Os birmaneses já passavam por mim a correr, em direção ao campo. Era óbvio que o elefante não tornaria a levantar-se, mas ainda não estava morto. Respirava ritmicamente, em longos e ruidosos arquejos, com a ilharga subindo e descendo dolorosamente.

Tinha a boca completamente aberta — era possível ver a caverna da sua garganta rosada. Esperei muito tempo que ele morresse, mas a sua respiração não enfraquecia. Por fim, disparei os dois últimos cartuchos que tinha sobre o ponto onde calculei que estaria o coração. O espesso sangue borbotou como veludo vermelho, mas ele continuava vivo. O seu corpo nem sequer estremeceu quando foi alvejado, a torturada respiração prosseguiu sem uma pausa. Estava a morrer, muito lentamente e em grande sofrimento, mas num qualquer mundo afastado de mim, no qual nem sequer uma bala lhe poderia causar mais danos. Senti que tinha de pôr fim àquele ruído horrível. Era horrível ver aquele enorme animal ali deitado, incapaz de se mover mas também de morrer, e não poder acabar com ele. Mandei buscar a minha pequena espingarda e disparei tiros atrás de tiros no seu coração e pela sua garganta abaixo. Pareceram não provocar qualquer efeito. Os torturados arquejos continuaram tão regulares como o tiquetaque de um relógio.

Por fim, não consegui aguentar mais aquilo e fui-me embora. Mais tarde, disseram-me que ainda levava meia hora a morrer. Ainda antes de eu me afastar, os birmaneses começavam a chegar com facalhões e cestos, e disseram-me que à tarde já o animal havia sido desmanchado até só restarem os ossos.

Depois, claro, houve imensas conversas sobre o abate do elefante. O dono ficou furioso, mas era apenas um indiano e não podia fazer nada. Além disso, do ponto de vista legal eu tinha agido corretamente, pois um elefante furioso tem de ser abatido, tal como um cão raivoso, se o seu proprietário não for capaz de o controlar. Entre os europeus, as opiniões dividiam-se. Os mais velhos disseram que eu tinha feito bem, os mais novos achavam que era uma vergonha abater um elefante por ter matado um jornaleiro asiático, porque um elefante valia mais do que um maldito jornaleiro. E mais tarde alegrei-me muito pelo facto de este último ter morrido, uma vez que isso me colocava do lado certo, do ponto de vista legal, e me fornecia um motivo suficiente para ter abatido o elefante. Muitas vezes perguntei a mim mesmo se algum dos outros compreendeu que eu só o matara para não fazer figura de tolo.